



A. Domingues de Azevedo*



Estaremos à altura dos desafios

Qualquer profissão, se não tiver preocupações de qualidade, é um embuste, não passa de uma farsa e acabará por virar-se contra os próprios profissionais.

É minha convicção que qualquer profissão tem que ter na sua base elevadas preocupações de qualidade e rigor no seu exercício, bem como acompanhar a evolução natural dos normativos que vão surgindo.

O sistema fiscal é um conjunto de normas, em princípio harmoniosas entre si, que comportam entre outras, a definição, a incidência e a forma como se recolhem receitas que garantem a vivência e dinâmica das sociedades organizadas. É o mais importante meio da obtenção de tributos para aquele fim, ou seja, é o meio que por excelência garante a dinâmica social.

Os TOC desempenham na gestão daquele sistema um papel imprescindível. Ao constituírem-se como interlocutores credíveis e privilegiados entre os órgãos da administração e os contribuintes, conferem à prática dos actos por que são responsáveis, a necessária credibilidade. O bom desempenho daquela missão, atentas as características e finalidades daquele sistema, facto que aliado à inexistência de uma política fiscal, isto é, de um mecanismo que avalie a capacidade da sua rendibilidade, retirando-lhe a contingência a que permanentemente está sujeito por parte dos políticos, só será possível se fizermos uma aposta forte e séria na formação contínua dos profissionais, possibilitando-lhes, não só o conhecimento da evolução natural do quadro normativo, mas também visões diferentes não só da interpretação e aplicação daquele quadro, mas também das diversas interpretações das realidades do nosso dia-a-dia. Essa é, tem sido e será, pelo menos enquanto for o máximo responsável pela CTOC, a grande aposta da nossa profissão. O caminho percorrido nestes últimos dez anos tem vindo a transformar de uma forma muito positiva a imagem e o conceito que a sociedade tinha dos profissionais da Contabilidade e da Fiscalidade. Não atingimos, nem de perto nem de longe, o ponto ideal mas, paulatinamente, de uma forma segura e credível, temos vindo a dar os passos certos nesse sentido. Admito a minha obsessão, nesta e noutras coisas, mas das conversas, opiniões ou crí-

ticas que me têm chegado, de certeza por deficiência minha, não tenho encontrado alternativas credíveis.

Qualquer profissão, seja ela qual for, se não tiver preocupações de qualidade, é um embuste, não passa de uma farsa e mais dia menos dia, vira-se contra os próprios profissionais.

Aos TOC está reservada uma missão de capital importância, não só na consolidação e evolução da economia e gestão do sistema fiscal, mas também na evolução da própria sociedade. A preparação e formação dos TOC são das mais importantes responsabilidades acometidas à Instituição de regulação profissional.

Só ela, atenta a sua natureza pública, pode definir os contornos da participação de terceiros na execução daquele objectivo.

O recurso a particulares, sem qualquer outra preocupação ou definição de contornos àquela colaboração, constituiria a introdução de um elemento descredibilizador do processo de formação que, em meu entender, redundaria em descrédito para os próprios profissionais. Isto é, a partir do momento em que a CTOC aceitasse a participação de um particular na formação dos profissionais, não tinha qualquer argumento para excluir quem quer que fosse para ministrar formação aos TOC. Ora, embora reconhecendo a existência de excelentes empresas e associações que se dedicam à formação, tenho inúmeras dúvidas que, atenta a especificidade da formação para os TOC, se encontrasse por essa via uma resposta satisfatória para as necessidades dos profissionais.

As instituições do ensino superior são, em minha opinião, as que objectivamente maiores garantias de credibilidade dão para, em parceria com a CTOC, executar aquele objectivo. Todos temos consciência das dificuldades no ensino superior e até, por vezes, da existência de situações de menos rigor na forma como se transmitem os conhecimentos, mas quando em confronto com outras alternativas, julgo que é nessa área onde existe maior consciência daquela situação e também melhor matéria-prima para a modificar. ★